**Círculo de Conversas**

**Associação de Pais da Senhora da Hora**

**10.12.2014**

**O Natal e a revolução da ternura!**

**Saudação aos presentes**

**Agradecimento pelo convite**

**Alegria pelo evento – por várias razões:**

a) a família no centro da nossa caminhada diocesana de Advento – Natal;

b) o diálogo com as instituições e associações locais, dentro dos nossos objetivos pastorais para 2014-2015:

c) a cultura do encontro, que este tempo propicia.

**Introdução:**

O tema da nossa conversa desta noite inspira-se numa frase de São Paulo, que poderemos escutar em dois textos bíblicos proclamados na celebração litúrgica do Natal: “*Manifestou-se a ternura de Deus*!” (Tit.2,11 – Missa da noite; Tit. 3,4 – Missa da aurora). É um tema, que encontra um eco muito especial no pensamento do Papa Francisco, que aqui seguiremos.

Escreve ele, na sua Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium” (A alegria do evangelho)[[1]](#footnote-1), a respeito do acontecimento do Natal: “*na Sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura*” (EG 88). Uma ternura que não se confunde com o lado musical ou sentimental, da época do Natal, mas que significa e implica uma proximidade real (e não virtual), uma capacidade para se aproximar, abaixar e inclinar, sem medo de “tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres”.

Na referida Exortação Apostólica, o Papa apresenta-nos cinco verbos que caraterizam uma «Igreja em saída»: “*primeirear, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar*”. Na nossa caminhada diocesana e paroquial de Advento-Natal, temos vindo a conjugar estes verbos; e, curiosamente, nesta 2ª semana, que estamos a viver, procuramos perceber o que significa e implicar «envolver-se». E o Papa di-lo com muita clareza:

“*O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: «Sereis felizes se o puserdes em prática» (Jo. 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz*” (EG 24).

Para o Papa Francisco, a ternura implica, portanto, envolver-se, sem medo de se aproximar e de tocar quem cheira mal, quem cheira a hospital… Mas, como nos lembrava Tolentino Mendonça, na sua última crónica, na Revista do Semanário Expresso, desgraçadamente, “*os presépios de hoje fazem tudo para não ter cheiro*”, “*sem o ar do primeiro presépio previsivelmente empestado de um fedor a exclusão e estrebaria*”[[2]](#footnote-2). E nenhum de nós teria coragem hoje de os recriar com o seu cheiro original. Eis porque muitas vezes, a “ternura do Natal” tem mais de sedução comercial ou de gesto sentimental, do que de proximidade carnal e, por isso mesmo, tresanda tantas vezes a desencontro.

Isso, porém, não nos pode fazer esquecer ou ignorar a onda de bondade, de fraternidade, de ternura humana, de humanidade, que esta festa desperta em tantos homens e mulheres de boa vontade, atestando assim que “*o Natal não é um simples sentimento ou ornamento; é fermento, é um impulso divino, que irrompe pelo interior da história. Uma expectativa de semente lançada. Um alvoroço que nos acorda*” (Tolentino Mendonça) para esse modo humano, tão simples e tão terno, de Deus se dizer e de nós o anunciarmos a este mundo!

Na verdade,o Natal é a festa do nascimento de um Deus “*humanado*” (uma expressão tão portuguesa!) que se oferece às nossas mãos, como a mais frágil prenda, que alguma vez podíamos acolher e tocar com as nossas mãos! Deus atrai-nos, precisamente assim, pela graça desta sua ternura. Na verdade, o Natal é um mistério de ternura. E, percorrendo as três figuras principais do presépio, comecemos pela ternura do Menino.

**A ternura do Menino**

No Menino de Belém «manifesta-se a ternura de Deus, fonte de salvação para todos os homens”! (Tit.2,11-14), já o citámos aqui, a partir dos textos natalinos, retirados da Carta de São Paulo a Tito. A ternura é mesmo o principal atributo do amor de Deus, por nós! Por isso, diz-nos com todo o propósito, o Papa Francisco: “*Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura*”(EG 88; cf.288).

Numa homilia na noite de Natal de 2004, dizia já o então Bispo de Buenos Aires, que viria daí, de quase do fim do mundo, para ser eleito Bispo de Roma:

***“****O sinal é que esta noite Deus se enamorou da nossa pequenez e se fez ternura para toda a fragilidade, para todo o sofrimento, para toda a angústia, para toda a busca, para todo o limite; o sinal é a ternura de Deus e a mensagem que buscavam todos os que pediam sinais a Jesus, a mensagem que buscavam todos os desorientados, os que até eram inimigos de Jesus e O buscavam, no fundo da alma era este: buscavam a ternura de Deus, Deus feito ternura, Deus a acariciar a nossa miséria, Deus enamorado da nossa pequeneza Hoje é isto que se proclama: a ternura de Deus. O mundo vai em frente, os homens continuam a buscar Deus, mas o sinal é sempre este*”[[3]](#footnote-3)!

Se naquele Menino de Belém se «*manifestou a ternura e a bondade de Deus*» (Tit.2,11), se Ele era *o Verbo de Deus e se fez Carne (Jo.1,14)*, então tudo o que Ele humanamente tocou, viveu, sentiu, assumiu e experimentou, se tornou grandioso e divino. A vida humana tornou-se uma aventura divina. A partir d’Ele, o Filho de Deus, sabemos que as coisas da nossa vida não são pequenas, nem inúteis, nem os nossos cansaços não são um vão suspiro, porque o próprio Jesus os viveu e assumiu, ao nascer em Belém.

Mais ainda, o mistério da Encarnação dá-nos uma nova visão da pessoa humana e da sua grandeza divina, da sua dignidade transcendente (expressão explicada pelo Papa no seu Discurso ao Parlamento Europeu, em 25 de novembro último). Insiste o Papa:

“*Para partilhar a vida com a gente e dar-nos generosamente, precisamos de reconhecer também que cada pessoa é digna da nossa dedicação. E não pelo seu aspeto físico, suas capacidades, sua linguagem, sua mentalidade ou pelas satisfações que nos pode dar, mas porque é obra de Deus, criatura sua. Ele criou-a à sua imagem, e reflete algo da sua glória. Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e Ele mesmo habita na sua vida*” (EG 274).

Retomemos ainda a sua Homilia de Natal de 2004, quando o Papa tira as consequências da ternura do Menino-Deus, que se manifesta no Presépio:

*“Contemplando o Menino nascido no presépio, contemplando esse Menino enamorado da nossa pequenez, nesta noite cabe a pergunta: qual é a ternura de Deus para connosco? Deixas-te acariciar por essa ternura de um Deus que te quer bem, por um Deus feito ternura? Ou és indócil, e não te deixas buscar por esse Deus. “Não, eu não procuro a Deus», pode dizer-se. Não é muito importante que tu procures a Deus, porque o mais importante é que te deixes procurar por ele, pela sua carícia na ternura. Esta é a* ***primeira pergunta*** *que este menino, apenas com a sua presença, nos faz hoje. Deixamo-nos envolver por essa ternura? Deixas-te animar também a ser ternura para toda a situação difícil, para todo o problema humano, para quem está próximo, ou preferes a solução burocrática, executiva, fria, eficiente, não evangelizadora? Se assim for é porque tens medo da ternura que Deus exerce contigo? E esta seria* ***a segunda pergunta****: aceito, através dos meus comportamentos, essa ternura que me deve acompanhar ao longo da vida, nos momentos de alegria, de tristeza, de cruz, de trabalho, de conflito, de luta? A resposta do cristão não pode ser outra que a mesma resposta de Deus à nossa pequenez: ternura, mansidão. Quando vemos que um Deus Se enamora da nossa pequenez, que Se faz ternura para nos acariciar melhor, um deus que é mansidão, todo intimidade, todo proximidade, não nos resta outra coisa senão dizer-lhe: «Senhor, se tu foste assim, ajuda-nos. Dá-nos a graça da ternura nas mais penosas situações da vida; dá-me a graça da proximidade, perante toda a necessidade humana, dá-me a graça da mansidão perante todo o conflito»”[[4]](#footnote-4).*

Não estranhamos, por isso, as palavras do Papa, numa das suas meditações matutinas na capela de Santa Marta, no dia da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, de 2013:

*“O Senhor ama-nos com ternura. O Senhor conhece aquela bela ciência das carícias. Não nos ama com palavras. Ele aproxima-se e dá-nos esse amor com ternura. Proximidade e ternura! Estas duas formas do amor do Senhor que se faz próximo e dá todo o seu amor mesmo através das coisas mais pequeninas: com a ternura. E este é um amor forte, porque a proximidade e a ternura fazem-nos ver a fortaleza de Deus” (Meditação matutina, 7.6.2013)[[5]](#footnote-5).*

E, ainda Bispo de Buenos Aires, meio ano antes, Jorge Mário Bergoglio proferia este belo desafio, na sua última noite de Natal, na Catedral da capital argentina:

***“****Junto do Presépio, faz duas coisas: primeiro, sente-te convidado à beleza da humildade, da mansidão, da simplicidade; segundo, busca no teu coração em que ponto estás excluído, em que estás marginalizado, e deixa que Jesus te convoque com essa tua carência, desde esse teu limite, desde esse teu egoísmo. Deixa-te acariciar por Deus e entenderás melhor o que é a simplicidade, a mansidão e a unidade” (Homilia, Buenos Aires, 24 dezembro 2012)[[6]](#footnote-6).*

E podemos dizer que Jesus continua a oferecer-se, na sua ternura, tão divina quanto humana, mas continua também hoje a suplicá-la, numa correspondência ao amor, “em cada pessoa, em cada circunstância, sobretudo em tudo aquilo que haja de mais discreto, de mais desprovido, de mais pobre, e que, por isso mesmo, requeira mais a nossa atenção. É aí que o Natal acontece, a começar nas famílias, que neste momento mais se sentem na dificuldade do dia-a-dia ou se ressentem de circunstâncias mais dolorosas, em tudo aquilo que a condição humana tem de mais frágil e inseguro. Pois exatamente aí, é que Jesus nasce, como nasceu há dois mil anos. Aí é que Jesus está, para ser reconhecido! E isso requer, da nossa parte, ajuda, presença, companhia, correspondência total”. Aí é que o Presépio continua”. Aí se verá, em, toda a luz, que “o Natal não é ornamento, é fermento. Dentro de nós recria, amplia, expande” a nossa própria humanidade, na ternura do amor!

**A ternura de José**

Mas no Presépio, não se manifesta somente a ternura do Menino. Também a de São José, que, muitas vezes, nos aparece ou parece como o “*parente pobre do presépio*”, o seu «elo mais fraco». Mas, logo no início do seu Pontificado, na missa de inauguração do seu ministério petrino, precisamente a 19 de março de 2013, percebemos que a “ternura” é uma palavra-chave do pensamento e da vida do Papa Francisco:

No dia de São José, o Papa apresenta-o como a imagem especular da ternura paterna de Deus! E desafia-nos:

*“Não devemos ter medo de bondade, ou mesmo de ternura. Nos Evangelhos, São José aparece como um homem forte, corajoso, trabalhador, mas, no seu íntimo, sobressai uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura”[[7]](#footnote-7)!*

**A ternura de Maria**

E na sua grande e maravilhosa exortação apostólica, o Papa Francisco conclui a sua obra magistral, reconduzindo o nosso olhar para figura de Maria, falando-nos da sua ternura:

*“Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto! N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes. Fixando-A, descobrimos que aquela que louvava a Deus porque «derrubou os poderosos de seus tronos» e «aos ricos despediu de mãos vazias» (Lc 1, 52.53) é mesma que assegura o aconchego de um lar à nossa busca de justiça”(EG 288).*

Aliás, di-lo ainda antes, o Papa Francisco:

“*Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura*” (EG 286). E diz depois: *“É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai «à pressa» (Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros*” (EG 286).

Pode parecer, quase uma heresia, mas é a maior verdade, que se reflete em Maria: mais difícil do que amar a Deus é deixarmo-nos amar por Deus! É este, de resto, o único modo justo de lhe restituir tanto grande amor: abrir o nosso coração e deixarmo-nos envolver pelo seu amor. É deixar que Ele se aproxime de nós, e senti-lo próximo. Deixar que Ele se torne terno, que nos acaricie.

A ternura é, por isso, um dos caminhos mais belos do nosso encontro com o mistério do Natal. O Natal traz-nos, pois, o desafio à ternura: ternura na relação conjugal, ternura no afeto filial, ternura intergeracional. Ternura em cada relação pessoal. “Onde não houver ternura, dificilmente haverá amor”[[8]](#footnote-8), na medida em que a ternura exprime algumas das qualidades mais belas do amor: a bondade e a misericórdia, como nos recordava o saudoso Cardeal Dom José Policarpo:

“*A incapacidade de ternura é o efeito mais dramático do pecado no coração humano, aquilo a que o evangelho chama ‘a dureza de coração’. A ausência de ternura significa a incapacidade de amar e sublinha a necessidade de transformação, pela graça, desse coração empedernido.”[[9]](#footnote-9)*

**A ternura dos cristãos**

Alias, o Papa usa (não abusa!) a palavra “ternura” onze vezes na sua Exortação Apostólica (EG) e vale a pena recordar algumas outras passagens, porque é nós que nos desafia:

“*Ele [O Senhor] permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria*” (EG 3). Algo semelhante repetirá adiante:

“*No meio da nossa entrega criativa e generosa, aprendamos a descansar na ternura dos braços do Pai. Continuemos para diante, empenhemo-nos totalmente, mas deixemos que seja Ele a tornar fecundos, como melhor Lhe parecer, os nossos esforços*” (EG 279).

Mas falando, ao início, da alegria do evangelho, diz que se trata de uma alegria

*“que se vive no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: «Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te prives da felicidade presente» (*Sir*14, 11.14)». Quanta ternura paterna se vislumbra por detrás destas palavras” (EG 4)!*

Mas Francisco não nos deixa cair no sentimentalismo, quando nos avisa:

*“Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem acender e apagar à vontade.* ***Entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro****, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros”.*

E é precisamente aqui que ele insiste: *“Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).*

Mas não só o Natal, que é apenas o início de uma “teodramática”. Também a Cruz, que é simultaneamente, estandarte de vitória “se empunha com ternura batalhadora contra as investidas do mal” (EG 85). E o Papa denuncia

“*a tentação de sermos cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente* ***entrar em contacto com a vida concreta dos outros*** *e conhecermos a* ***força da ternura***” (EG 270)

“*Tal implica “renunciar a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura*” (EG 270).

Este contacto implica usar as mãos. Disse o Papa numa das suas meditações matutinas na capela de Santa Marta, na já referida Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, de 2013:

*“O Senhor ama-nos com ternura. O Senhor conhece aquela bela ciência das carícias, o carinho, aquela ternura de Deus. Não nos ama com palavras. Ele aproxima-se e dá-nos esse amor com ternura. Proximidade e ternura! Estas duas formas do amor do Senhor que se faz próximo e dá todo o seu amor mesmo através das coisas mais pequeninas: com a ternura. E este é um amor forte, porque a proximidade e a ternura fazem-nos ver a fortaleza de Deus” (Meditação matutina, 7.6.2013)*[[10]](#footnote-10).

Mais tarde dirá:

“*Pensemos nas mãos de Jesus, quando tocava nos doentes e os curava… São as mãos de Deus: curam-nos! Eu não imagino Deus a dar-nos uma bofetada! Não imagino. A repreender-nos, sim, imagino, porque Ele o faz. Mas nunca, nunca, não nos fere! Fá-lo com uma carícia. Mesmo quando nos tem que repreender fá-lo com uma carícia, porque é Pai. São mãos chagadas que nos acompanham no caminho da vida” (Meditação matutina, 12 novembro 2013)[[11]](#footnote-11)*.

Pouco depois, a 10 de dezembro de 2013, numa terça-feira da 2ª semana de advento, comentando as palavras de Isaías “*consolai, consolai o meu povo*» (Is.40.1-5,9-11), diz que é nosso dever «aproximar-se com ternura». E exorta:

“*Pensemos na ternura que Ele teve com os Apóstolos, com Madalena, com os discípulos de Emaús. Aproxima-se com ternura: ‘Dá-me de comer’. Com Tomé: ‘Mete aqui o teu dedo’”. A ternura de Cristo não só toca, nas torna-o tangível, tocável, até nas suas chagas*”[[12]](#footnote-12).

É bem admirável a sua homilia, na festa de São Tomé, a 3 de Julho de 2013, onde o Papa insiste que para encontrar o Deus vivo é necessário beijar com ternura as chagas de Jesus nos nossos irmãos famintos, pobres, doentes, presos. Jesus revela-se com as suas chagas. E assim - continuou o Papa Francisco – se percebe que:

"*o caminho para o encontro com Jesus-Deus são as suas chagas. Não existe um outro. Na história da Igreja, houve alguns erros no caminho para Deus. Alguns acreditaram que o Deus vivo, o Deus dos cristãos, o poderíamos encontrar pelo caminho da meditação, e indo sempre mais alto na meditação. Isso é perigoso. Quantos se perdem nesse caminho e não chegam. Chegam sim, talvez, ao conhecimento de Deus, mas não de Jesus Cristo, Filho de Deus, a segunda Pessoa da Trindade. A isso eles não chegam. É o caminho dos gnósticos, não é? Eles são bons, trabalham, fazem isto e aquilo, mas não é o caminho certo. É muito complicado e não te leva a bom porto".* "*Outros* - continua o Papa – *pensaram que para chegarmos a Deus, devemos ser mortificados, austeros, e escolheram o caminho da penitência: só a penitência, o jejum. E nem sequer estes chegaram ao Deus vivo, a Jesus Cristo, Deus vivo. São os pelagianos, que acreditam que com o seu esforço podem ch*egar. *Mas Jesus diz-nos que o caminho para O encontrar é o de encontrar as suas chagas. E as chagas de Jesus, tu encontra-las fazendo as obras de misericórdia, cuidando do corpo - do corpo e também à alma mas do corpo - sublinho – do teu irmão com chagas, porque tem fome, porque tem sede, porque está nu, porque é humilhado, porque é escravo, porque está na prisão, porque está no hospital. Essas são as chagas de Jesus hoje. E Jesus pede-nos para fazermos um ato de fé, n’Ele, mas através destas chagas*”. *'Oh, muito bem’!* - E com fina ironia continua o Papa - «*’Então façamos uma fundação para ajudar a todos eles e façamos tantas coisas boas para ajudá-los’. Isso é importante, mas se nós permanecermos neste nível, seremos apenas filantrópicos. Devemos tocar as chagas de Jesus, devemos acariciar as feridas de Jesus, devemos curar as chagas de Jesus com ternura, devemos beijar as chagas de Jesus, e isto literalmente. Pensemos no que sucedeu com S. Francisco, quando abraçou o leproso? O mesmo que sucedeu a Tomé: a sua vida mudou!». Para tocar o Deus vivo –* observou o Papa *- não é necessário "fazer um curso de atualização", basta entrar nas chagas de Jesus, e para isto "é suficiente sair à rua". “Peçamos a S. Tomé* – dizia o papa na homilia do dia da sua Festa - “*a graça de ter a coragem de entrar nas chagas de Jesus com a nossa ternura e certamente teremos a graça de adorar o Deus vivo*"[[13]](#footnote-13).

**Conclusão**

Como se vê “ternura” significa proximidade. Por isso a metáfora da carícia é determinante na visão bergogliana, como escreve António Spadaro, na introdução à publicação das meditações matutinas do Papa[[14]](#footnote-14). Ser ternos, para ele, não significa primeiramente ter um olhar doce, olhos doces, mas tocar fisicamente, portanto, eliminar, na medida do possível, as distâncias, tornar-se próximo a ponto de tocar o outro. E essa proximidade cura. E o Papa recorre, como é habitual, a uma imagem:

*«A mim, a imagem que me ocorre é a do enfermeiro, da enfermeira no hospital. Cura as feridas uma a uma, mas com as suas mãos. Deus envolve-se, embrenha-se nas nossas misérias, aproxima-se das nossas chagas e cura-as com as suas mãos, e, para ter mãos, fez-se homem. Deus não nos salva mediante um decreto, uma lei; salva-nos com ternura, salva-nos com carícias, salva-nos com a sua vida, dando-a por nós” (Meditação matutina, 22.10.2013)[[15]](#footnote-15).*

Uma imagem inspirada na do “hospital de campanha” que o Papa aplica à Igreja, diante de um mundo com tantos “mortos e feridos”. Di-lo numa entrevista que lhe é feita pelo Padre Jesuíta António Spadaro a revista *La Civiltá cattolica*, no Verão de 2013.

«*Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo». A Igreja por vezes encerrou-se em pequenas coisas, em pequenos preceitos. O mais importante, no entanto, é o primeiro anúncio: “Jesus Cristo salvou-te”. E os ministros da Igreja devem ser, acima de tudo, ministros de misericórdia (…) As pessoas têm de ser acompanhadas, as feridas têm de ser curadas*»[[16]](#footnote-16).

Como se o Papa dissesse: “primeiro o evangelho; depois os princípios morais”. O Papa escrevera já no twitter: “*Como o Bom Samaritano, não nos envergonhemos de tocar as feridas de quem sofre, mas procuremos curá-las com gestos concretos de amor*”[[17]](#footnote-17).

E termino este percurso, pelo pensamento do Papa sobre a ternura, com duas considerações suas, sobre o Natal, numa das suas Catequeses semanais, às quartas-feiras, precisamente oito dias antes do Natal de 2013:

*“Da contemplação alegre do mistério do Filho de Deus nascido por nós, podemos tirar duas considerações.* ***A primeira*** *é que, se no Natal, Deus se revela não como alguém que está no alto e que domina o universo, mas como Aquele que se rebaixa, vem à terra pequeno e pobre, significa que para sermos semelhantes a Ele nós não devemos colocar-nos acima dos outros, mas antes rebaixar-nos, colocarmo-nos ao serviço, fazermo-nos pequenos com os pequenos e pobres com os pobres. Mas é uma coisa ruim quando se vê um cristão que não quer rebaixar-se, que não quer servir. Um cristão que se exibe sempre é ruim: esse não é cristão, é pagão. O cristão serve, rebaixa-se. Façamos com que estes nossos irmãos e irmãs não se sintam nunca sozinhos!* ***A segunda consequência****: se Deus, por meio de Jesus, Se envolveu com o homem a ponto de tornar-se como um de nós, quer dizer que qualquer coisa que fizermos a um irmão ou a uma irmã tê-la-emos feito a Ele. Recordou-nos isso o próprio Jesus: quem tiver alimentado, acolhido, visitado, amado um dos mais pequeninos e dos mais pobres entre os homens, terá feito isso ao Filho de Deus”[[18]](#footnote-18).*

É este o desafio que a “revolução suave”[[19]](#footnote-19) do Papa Francisco nos provoca a partir da “revolução da ternura” que o Natal significa e implica. Nós, que nos propusemos, enquanto comunidade paroquial, ser a expressão de uma Igreja-Mãe, com uma publicação intitulada “*Uma mãe de coração aberto espera por ti*”[[20]](#footnote-20), desejamos dar o nosso pequeno contributo, com grupos, como a Conferência vicentina, na ajuda aos pobres, os Ministros Extraordinários da Comunhão e os Visitadores de Doentes, no acompanhamentos dos mais frágeis, o Mar Solidário no apoio aos «sem-abrigo», o Movimento Fé e Luz, na ajuda às famílias com filhos especiais, ao o Movimento Esperança e Vida, de apoio a viúvas em, sobretudo, com o testemunho concreto de alegria, de acolhimento, de acompanhamento e de abertura, que queremos dar, numa Igreja em saída, pelas periferias do mundo. Nós cremos e sabemos, como nos ensina o poeta Tolentino, que:

*“O Natal não é ornamento. É movimento.*

*Teremos sempre de caminhar para o encontrar!*

*Entre a noite e o dia,*

*entre a tarefa e o dom,*

*entre o nosso conhecimento e o nosso desejo,*

*entre a palavra e o silêncio que buscamos,*

*uma Estrela nos guiará![[21]](#footnote-21)”*

Obrigado pela ternura da vossa amável paciência. Estou agora nas vossas mãos. Sem qualquer medo da ternura!

Padre Amaro Gonçalo

**Bibliografia principal**

DOM JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, *O Bispo, Mestre na fé. Catequeses quaresmais*, col. Obras escolhidas, 5, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, pp. 171-178

JORGE BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *O verdadeiro poder é servir*, Ed. Nascente, Braga 2013

JORGE MÁRIO BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *A verdade é um encontro. Homilias em Santa Marta*. Organização de António Spadaro, Ed. Paulinas, Prior Velho,2014

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *A resposta*, in *Expresso-Revista*, 6 dezembro 2014, pág. 9.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas - Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho 2013

PAPA FRANCISCO, *O Espírito do Natal*, Paulus Editora, Apelação, 2013

PAPA FRANCISCO, *Sonho com uma Igreja mãe e pastora*, Ed. Paulus - A.O., 2013

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA HORA, *Uma mãe de coração aberto espera por ti*, 2013.

VICTOR HERNANDEZ – PAULO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014

Consultas na web, em 9-12-2014:

- <http://blog.ecclesia.pt/2009/12/o-natal-nao-e-ornamento.html>

-<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131218_udienza-generale.html>

-<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html>

1. Pela frequência de citações, o documento papal é designado, no corpo do texto, com a sigla EG, seguida do respetivo número. Seguimos aqui a publicação: PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas - Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho 2013. [↑](#footnote-ref-1)
2. JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, *A resposta*, in *Expresso-Revista*, 6 dezembro 2014, pág. 9. [↑](#footnote-ref-2)
3. JORGE BERGOGLIO-PAPA FRANCISCO, *O verdadeiro poder é servir*, Ed. Nascente, Braga 2013, 176-177; ou PAPA FRANCISCO, *O Espírito do Natal*, Paulus Editora, Apelação, 2013, 35-36 [↑](#footnote-ref-3)
4. JORGE BERGOGLIO-PAPA FRANCISCO, *O verdadeiro poder é servir*, Ed. Nascente, Braga 2013, 177-178; PAPA FRANCISCO, *O Espírito do Natal*, Paulus Editora, Apelação, 2013, 37-39; [↑](#footnote-ref-4)
5. JORGE MÁRIO BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *A verdade é um encontro. Homilias em Santa Marta*. Organização de António Spadaro, Ed. Paulinas, Prior Velho,2014, pp. 133.200 [↑](#footnote-ref-5)
6. PAPA FRANCISCO, *O Espírito do Natal*, Paulus Editora, Apelação, 2013, p.85 [↑](#footnote-ref-6)
7. PAPA FRANCISCO*, Homilia no início do pontificado, 19.3.2013:* [*http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\_20130319\_omelia-inizio-pontificato.html*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html) [↑](#footnote-ref-7)
8. DOM JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, *O Bispo, Mestre na fé. Catequeses quaresmais*, col. Obras escolhidas, 5, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, pág. 176 [↑](#footnote-ref-8)
9. *Ibidem*, 176 [↑](#footnote-ref-9)
10. JORGE MÁRIO BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *A verdade é um encontro. Homilias em Santa Marta*. Organização de António Spadaro, Ed. Paulinas, Prior Velho,2014, pp.33.201 [↑](#footnote-ref-10)
11. *Ibidem*, p.384 [↑](#footnote-ref-11)
12. *Ibidem*, 420-421 [↑](#footnote-ref-12)
13. JORGE MÁRIO BERGOGLIO - PAPA FRANCISCO, *A verdade é um encontro. Homilias em Santa Marta*. Organização de António Spadaro, Ed. Paulinas, Prior Velho,2014, 263-265. [↑](#footnote-ref-13)
14. *Ibidem*, pp.33. [↑](#footnote-ref-14)
15. *Ibidem,* pp.357 [↑](#footnote-ref-15)
16. PAPA FRANCISCO, *Sonho com uma Igreja mãe e pastora*, Ed. Paulus e A.O., 2013. pp.35-36 [↑](#footnote-ref-16)
17. TWITTER@PONTIFEX\_PT de 5.06.2013 [↑](#footnote-ref-17)
18. PAPA FRANCISCO, *Audiência*, 18.12.2013:

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131218_udienza-generale.html> [consultado em 9.12.2014] [↑](#footnote-ref-18)
19. VICTOR HERNANDEZ – PAULO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014 [↑](#footnote-ref-19)
20. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA HORA, *Uma mãe de coração aberto espera por ti*, 2013. [↑](#footnote-ref-20)
21. [*http://blog.ecclesia.pt/2009/12/o-natal-nao-e-ornamento.html*](http://blog.ecclesia.pt/2009/12/o-natal-nao-e-ornamento.html) [consultado em 9.12.20149] [↑](#footnote-ref-21)